

A vida das idéias

Uma falsa opção

JOSÉ GUILHERME MERQUIOR

número um: a redistribuição de renda?

É que, uma vez emagrecido e agilizadado, emagrecido para se tornar mais ágil, o Estado fica de mãos livres para promover o investimento público produtivo — historicamente, em nossa economia, o carro-chefe do comboio da inversão, incluindo o investimento privado, nacional e estrangeiro. E esse Estado financeiramente são, fiscalmente forte e investidor ganha condições de realizar duas coisas essenciais à melhoria do nível de vida popular:

(a) — gera, direta e indiretamente, muitos empregos; e
(b) — torna-se apto a atacar, com vigor e escala inéditos, programas de alto sentido social na área da saúde, da moradia e da educação.

A verdade é que a melhoria real e duradoura do nível de vida de um povo depende de um contexto de prosperidade geral, cuja precondição é o desenvolvimento sustentado. Sem dúvida, a redução da desigualdade não procede automaticamente do crescimento econômico. A ação social do Estado é simplesmente indispensável, fornecendo ou orientando serviços imprescindíveis à humanização das condições de existência da grande massa dos cidadãos. Mas em última análise é a combinação de Estado eficiente e sociedade próspera — em outras palavras, a conjunção de Estado forte e economia dinâmica — que reduz os diferenciais de renda, aumentando o consumo de massa pela constituição definitiva de um amplo mercado interno.

O distributivismo imediato, inibindo a economia pelo afugentamento do lucro, só é "social" de maneira fugaz e contraditória. No fim da linha, seu resultado não é o bem-estar da população e sim o empobrecimento causado pela desarticulação da máquina econômica. E sabemos que esse distributivismo escamoteia a reforma do Estado, privando-se assim do mais poderoso instrumento de superação das iniquidades da nossa estrutura social.

Por outro lado, o economicismo selvagem, visando exclusivamente ao lucro e à especulação e não ao investimento, só é "econômico" de modo efêmero. A longo prazo, representa no máximo um subcapitalismo tacanho e míope, porque negligencia o tremendo potencial de mercado e inovação que só a incorporação das massas aos modernos padrões de consumo e produção permite.

Alguns observadores da atualidade brasileira pretendem ver na proposta distributivista ora em cena um começo de socialdemocracia. E Deus sabe quanto o Brasil precisa de uma boa injeção de socialdemocracia no seu sistema político-social!

No entanto, que nos ensina a História sobre o papel da socialdemocracia? Em toda parte, seu papel consistiu em realizar o casamento do melhorismo social com o reconhecimento objetivo de realidades econômicas.

A primeira coisa que a socialdemocracia abandonou foi a atitude econômica. A fé ingênua no dirigismo, e logo no estatismo, como panacéia social.

Que o dirigismo seja perpetrado por uma nomenclatura neo-estaliniana ou por uma estrutura de poder mais difusa, propensa à democracia direta, absolutamente não altera o fundo do problema. Porque aquilo a que as sociedades modernas aspiram positivamente não é o igualitarismo da miséria, a justiça na penúria, e sim a participação livre e razoavelmente igualitária nos frutos do progresso e do conforto.

Na atual sucessão brasileira, há quem julgue a divergência fundamental uma disjuntiva: ou bem se daria prioridade à redução da desigualdade social, ou bem se privilegiaria a necessidade de modernizar e agilizar as estruturas do Estado, no governo e na administração. O duelo sucessório, em suma, envolveria em substância uma opção drástica por uma entre duas urgências: ou a redistribuição da renda, ou a reforma do Estado.

Ambos os problemas representam carências muito reais; e ambos constituem fenômenos lógicos e factualmente distintos. Entretanto, distinção não significa necessariamente disjunção. Ao contrário: no caso, parece possível demonstrar que o próprio êxito na luta contra a desigualdade passa pela reforma do Estado. Por quê?

Porque, conforme lembrávamos no artigo de domingo passado ("Cinco males nacionais"), no Brasil, a excessiva desigualdade social não é só um problema ao lado da questão do Estado. É também um dos aspectos da questão do Estado. De fato, no nosso jogo democrático, 1963 como em 1989, a existência de enormes diferenciais de renda leva naturalmente certos grupos sociais a adotarem demandas distributivistas de caráter imediato.

Ora, por sua própria natureza, essas demandas implicam um alto grau de intervenção na economia, seja na estipulação de salários, seja nas tentativas de criar ou manter subsídios ou de controlar preços.

O resultado é, notoriamente, mais inflação, e não menos desigualdade. Pois numa situação inflacionária são precisamente as pessoas de renda fixa, a começar pelos assalariados, que mais sofrem, enquanto os rendimentos variáveis são bem mais capazes de autoproteção.

Suponhamos agora que o Estado, sem deixar de perseguir a redistribuição da renda, o faça por meio de outra estratégia: uma estratégia que tenha como premissa inicial o combate decisivo contra a inflação crônica.

Nesse caso, o que o governo faria imediatamente seria enfrentar na sua raiz o problema da dívida interna e do déficit público. A médio prazo, o Estado empreenderia igualmente uma reforma fiscal e outra patrimonial, assegurando maior liquidez ao Tesouro e maior eficiência à ação governamental.

O leão adquiriria assim maior capacidade extrativa. Não se pode esquecer, como se cansa de notar Hélio Jaguaribe, que a arrecadação federal brasileira caiu a pouco mais de metade do nível do início da década, e que esse declínio tem consequências das mais nefastas para o volume global do investimento produtivo no País.

Paralelamente, pela reforma patrimonial, o Estado privatizaria as estatais onerosas, gerando com isso, também aqui, maior receita, além de diminuir sua custosa carga burocrática.

Qual a vantagem dessa estratégia? Evidentemente, ela fortalece o Estado, robustecendo-o financeiramente. Mas onde teria ido parar o objetivo social

Presidente da CNBB pede paz na reta final da campanha

SÃO PAULO — O Presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Dom Luciano Mendes de Almeida, fez um apelo aos militantes da Frente Brasil Popular e do PRN, que disputam o segundo turno da eleição presidencial, para que mantenham "um clima de entendimento e sem violência antes, durante e depois do dia 17."

Dom Luciano Mendes fez o ape-

lo logo depois de chegar de sua viagem à Alemanha Ocidental, onde participara do lançamento do Movimento de Auxílio ao Terceiro Mundo. O Presidente da CNBB revelou que o atual momento político vivido pelo País lhe causa apreensão:

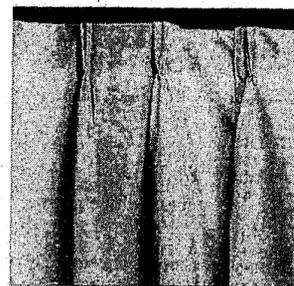
— A grande apreensão que todos nós temos é a do dia seguinte. O importante é que aquele que

sair vencedor saiba ganhar, enquanto o perdedor, saiba perder. Isto é muito importante para que o eleito seja capaz de integrar no pluralismo partidário todas as forças vivas do País, para uma retomada do nosso crescimento, não só na parte econômica, mas no campo social e também para que haja, em todos os brasileiros, a esperança de tempos de melhor dis-

tribuição dos benefícios e de melhoria das condições de vida da população mais pobre. Depois acrescentou:

— Faça um apelo para que esses dias finais de campanha sejam dias de mútuo entendimento, de apresentação de programas, mas também de respeito e de superação de toda a agressividade por palavras e por fatos.

AMOSTRAS QUASE GRÁTIS DA LIDER.



CORTINAS
Tapa sol (Black out) vulcanizado nº 22 tamanho 3,00x3,00 NCz\$ 567,00

Corina shantung nº 2 tamanho 3,00x3,00 NCz\$ 1.800,00

CARPETES/ FORRAÇÃO

Copacabana ITA 6mm NCz\$ 103,00 m²

Florença TABACOW 6mm NCz\$ 118,00 m²

Master SAO CARLOS 10mm NCz\$ 125,00 m²

• Reforçado com base de juta

ALMOFADAS
Almofada nº 7 0,70x0,70 NCz\$ 128,00

Almofada nº 13 em matelassê NCz\$ 178,00

Almofada amarrada nº 14 NCz\$ 178,00

TAPETES PARA CARRO
Monza - Santana Escort - Gol - Uno Prêmio NCz\$ 350,00

• Diversas cores e modelos

TAPEÇARIA LIDER

50 anos de experiência

Administração e Vendas Especiais: Rua Barão de Lucena nº 47 - Botafogo Tel.: 266-5052

TAPETES ESTAMPADOS

Polylana 0,50x1,00 NCz\$ 126,00

Polylana 1,00x1,60 NCz\$ 403,00

• Diversas cores e modelos

PREÇOS PARA PAGAMENTO À VISTA. PROMOÇÃO VÁLIDA ATÉ 16/12 OU ENQUANTO DURAR O NOSSO ESTOQUE.

BarraShopping
Nível das Américas, lj. 218-A Tel.: 325.5793
Leblon
Av. Ataulfo de Paiva, nº 27-A Tel.: 259.0499
Copacabana
Rua Barata Ribeiro, nº 194-M - Tel.: 541.2898
Copacabana
Rua Barata Ribeiro, nº 269 - Tel.: 255.5799

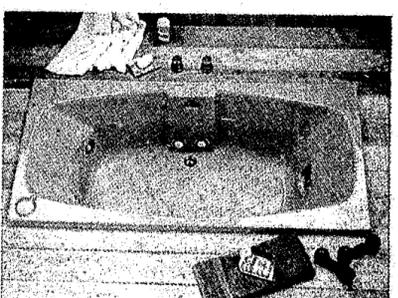
Botafogo
Rua Voluntários da Pátria, nº 260 Tel.: 266.2294
Ipanema
Rua Visc. de Pirajá, nº 228-C Tel.: 267.8240/247.3540
Tijuca
Rua Conde de Bonfim, nº 429-A Tel.: 268.7644

Copacabana
Rua Barata Ribeiro, nº 340-A Tel.: 235.3977
Catete
Rua do Catete, nº 40-B Tel.: 205.9694
Madureira
Estr. do Portela, nº 114-A Tel.: 390.3518

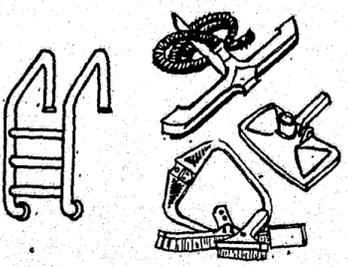
Último banho do ano!



Filtros Jacuzzi para piscinas (a partir) de 9.550,00 por.....4.550,00



Banheiras de Hidromassagem (a partir) de 10.600,00 por.....4.200,00



Escadas Jacuzzi p/piscinas com 3 degraus de 3.300,00 por.....1.550,00 e mais, todos os acessórios Jacuzzi pelos menores preços.



hth.
HTH tabletão de 160 g.....12,00
HTH 1,0 kg.....50,00
HTH 2,5 kg.....110,00
HTH 10 kg.....410,00

Baquacil SB®
Baquacil 1,0 l.....65,00
Baquaplus 3,5 l.....80,00

Tratamento natural de 20 em 20 dias

Ou você passa o Natal verdadeiramente relaxado... ou fica afogado pelos preços do mercado. A Esteves oferece a última oportunidade de você adquirir os inigualáveis produtos e equipamentos Jacuzzi pelos preços mais relaxados do planeta... Um verdadeiro banho! Entre você também pra essa turma!

Televentas DDD Grátis (9021) 286-7983
Plantão aos domingos até 18 h
Telex: (21) 37660
Botafogo: Rua São João Baptista, 28 Tel: 286-7446
Barra: Casa Shopping - bloco H Tel: 325-0155
Niterói: Av. 7 de Setembro, 97 loja 108 Tel: 711-9048

